

# A arte não é só uma arte

Vinte e cinco anos após a sua primeira (individual), Malangatana vai apresentar a sua Retrospectiva. Continuando com o nosso intuito de ajudar a conhecer este nosso grande artista, registamos mais um extracto da brochura que o Museu Nacional de Arte, edita pela ocasião.

No livro «Arte Contemporânea em África», Ulli Beier, analisando a obra e as influências de Malangatana, considera-o como o primeiro artista africano a encontrar o atalho — tornar-se um artista sofisticado, passando por cima da educação tal como era concebida no sistema colonial.

Ao longo dos anos, críticos diante das suas obras, procuravam classificá-lo naïf, surrealista, visionário... Diferentes foram as reacções e comentários. Malangatana não podia ser compartimentado em padrões da estética ocidental.

A arte não lhe surge de um qualquer projecto recreativo nem como acto individual de criação independente da comunicação. Ela diz a o que não podia ser dito, denunciava o que não queriam que fosse visto, chocando amígdalas vezes o espectador, com a arte do horrível que atrai.

Durante os primeiros anos os seus quadros apresentavam de forma persistente o quotidiano, os sofrimentos, lutas, crenças e esperanças do seu povo. Como artista e sua actividade social era intensa, conhecendo as preocupações e problemas das pessoas e as situações injustas e violentas, sob o ponto de vista social e cultural.

## INCENTIVO A OUTROS ARTISTAS

Malangatana acompanha a formação da FRELIMO, aderindo aos seus ideais em 1965, mas a sua

ele encorajados e entusiasmados a trabalhar nas artes plásticas.

Em 1964 organiza já uma grande actividade em torno das artes plásticas no Centro Associativo dos Negros da Província de Moçambique, abrindo nesse ano, no Centro, uma exposição que mereceu a maior aceitação do público.

O desencadeamento da Luta Armada, a partir de Setembro de 64, veio no entanto, tornar mais violenta a repressão no interior de Moçambique e a polícia desencadeia uma vaga de prisões sistemáticas, incluindo vários artistas que apoiavam a causa nacional de luta anticolonial, como José Craveirinha, Rui Nogueira e Luís Bernardino Honwana, além do próprio Malangatana.

Como homem e como artista, Malangatana viveu no período de prisão, alguns dos momentos mais angustiantes e humilhantes da sua vida e também momentos elevados de solidariedade humana. Desde a primeira exposição até ser preso, a temática da sua pintura sofre uma alteração que acompanha naturalmente o desenvolvimento da sua consciência perante a manutenção do próprio facto colonial, deixando de serem dominantes as histórias dos antigos para passar a ser a opressão que se vivia.

## APRENDIZAGEM DO MUNDO REAL

A estreita ligação que durante todo este período, Malangatana foi tendo com o movimento cultural nacionalista, o muito que foi aprendendo do contacto com outros intelectuais como José Craveirinha e Rui Nogueira e da sua actividade nas associações culturais e na divulgação de arte, são importantes também para compreen-



De facto a pintura de Malangatana não se integrava nos conceitos restritos da arte ocidental.

com um grau de cultura tão variada como a de Moçambique. Para afirmar os seus valores estudia também os de outras culturas, aprofunda as suas especificidades, os seus símbolos, procurando nesse esforço encontrar o comum à comunicação entre os homens, esse desígnio perseguido já por tantos artistas.

As figuras monstruosas, disformes, retorcidas, de corpos escurateados, os carregadores de chumbo da ponte cais, ou os que limpavam os baldes de lixo dos suburbios, a vendadeira desgraçada ou o padre devasso, tudo figuras feitas não pelo prazer do belo, mas suscitando-o no horrível, encontravam forte reacção do público, defendendo mesmo, certos críticos que aquilo não era arte.

## A ARTE NÃO É SÓ UMA ARTE

De facto, a pintura de Malangatana, como já dissemos, não se integrava dentro dos conceitos restritos da arte ocidental. No 1.º de Janeiro de 1971, Craveirinha escrevia no jornal «Notícias da Beira», colocando o problema nos seus devidos termos:

«A arte não é uma só arte nem o artista é um escravo de uma única imagem no mundo... a arte tem que ser apenas um caso de filiação num sistema de valores dentro de um conceito de valor. Mas esse conceito de valor não é um para toda a humanidade, para todos os povos de todos os continentes... Por isso, tudo é que um artista como Malangatana não tem que ser um fazedor de arte no sentido considerado elevado quanto a prismáticas diferentes das que ele, Malangatana, herdou e possui culturalmente. Aquilo que em Malangatana se tem como mérito inferior, só o é, na medida em que se procura medir a sua obra por parâmetros estranhos aos seus horizontes ancestrais no campo da consagração estética.

Dissociar a arte de Malangatana, de uma arte que é uma constante preocupativa, não é justo, porque a preocupação também é motivante de criação. Malangatana não sabe desenhar, dizem profissional e convicentemente pessoas de cuja cultura não duvidamos a altura e a robustez. Mas cultura em que sentido, apriorístico de uma cultura ocidental, cultural greco-latina cultura europeia? Precisamente onde Malangatana não está senão como intruso ou turistamente.

Malangatana não tem de saber desenhar como os compêdicos académicos mandam fazer europeamente; que haja tomado emprestado um certo número de letras dum alfabeto não seu de origem, não quer dizer que não fale perceptivelmente uma linguagem característica a toda sua. Tal como a adopção de uma religião...

Malangatana fala com uma voz acoradamente directa dos problemas e segundo um sentido fêlido, um nativismo cru ou uma desidia aos abismos do delírio em noites de invocação dos espíritos... Malangatana pinta a partir do conhecimento que tem das coisas e do grau valorativo que atribui à sua simbologia.

A verdade é que não se pode ignorar que Malangatana pertence a uma ordem de realidades diferentes dos seus críticos e detractores mais tenazes. É só esse facto que determina uma posição psicológica de Malangatana indivíduo de reajuste perante o estado de coisas que o rodeia, realidade que também objectos e preocupações, tornando-o urgentemente, um pouco carismático, aquele mensageiro de coisas e factos que dantes competia aos bordados e aos arábigos.



A sua arte sempre inserida nas preocupações da comunidade em que vive

luta, desenvolvia-se, no entanto, essencialmente no aspecto social e artístico. Começa, desde 1957, a organizar actividades, primeiro em Matiana e depois em Lourenço Marques, que conduziram outras pessoas a interessarem-se pela cultura, e, inclusive, começaram a desenvolver-se como artistas. Mankeu, Chissano, Shikani, Obilgo, Machiana, Matine Maole, foram por-

der o percurso do pintor e a sua arte sempre inserida nas preocupações mais profundas da comunidade em que vive e reflectindo as suas próprias alterações.

Como artista, Malangatana vence todas as barreiras, a partir dos muros do cânone, para comunicar ao público os seus valores distintos e para estabelecer a comunicação entre uma população



As figuras monstruosas, disformes, retorcidas encontraram forte reacção do público